



## Portugal- O País do Alcatrão e o Funeral da Ferrovia

Publicado em 2026-03-09 22:45:11



### BOX DE FACTOS

- Portugal aprovou formalmente o Plano Ferroviário Nacional apenas em Março de 2025.
- No transporte terrestre de mercadorias, a estrada continua a esmagar a ferrovia em Portugal.

# Blogue Fragmentos do Caos



*A verdade nasce onde o pensamento é livre.*

- O interior português perdeu densidade económica e humana enquanto a ferrovia foi sendo adiada, amputada ou despromovida.
- A democracia não matou a ferrovia num só gesto: deixou-a envelhecer, atrasou-a e entregou o país à dependência rodoviária.

## O País do Alcatrão e o Funeral da Ferrovia

*Portugal não destruiu os caminhos de ferro de repente. Fez pior: deixou-os envelhecer durante meio século, enquanto vendia progresso em auto-estradas e condenava o interior ao apeadeiro da história.*

Houve um tempo em que o caminho-de-ferro era, em Portugal como em quase todo o mundo civilizado, a grande artéria do progresso. Levava pessoas, mercadorias, correspondência, ideias, ritmos novos de vida. Costurava o território. Dava forma à nação. Ligava o interior ao litoral, o

# Blogue Fragmentos do Caos



*A verdade nasce onde o pensamento é livre.*

esse movimento histórico. Não foi pioneiro absoluto, mas construiu uma rede de alcance nacional, criou ligações estruturantes, adquiriu material circulante de qualidade e chegou às décadas de 1960 e 1970 com uma base ferroviária que, para a escala e recursos do país, podia ser aprofundada, modernizada e consolidada. Havia caminho. Havia infraestrutura. Havia herança. Havia uma espinha dorsal à espera de visão estratégica.

E foi precisamente aí também, como em alguns outros eixos estratégicos e de futuro, que a democracia falhou de forma monumental e estrondosamente.

Em vez de pegar nessa herança e projectá-la no futuro, o regime preferiu assistir, década após década, à lenta marginalização da ferrovia. Não foi um erro pontual, não foi uma hesitação passageira, não foi uma pequena distracção administrativa. Foi uma escolha estrutural, prolongada, quase cultural: deixar o comboio para segundo plano, adiar o investimento, tolerar a obsolescência, empurrar o país para a dependência rodoviária e celebrar esse desvio como se fosse modernidade.

# Blogue Fragmentos do Caos



*A verdade nasce onde o pensamento é livre.*

económica, nem a sustentabilidade ambiental. O grande vencedor foi o império do alcatrão. Foi a lógica da estrada como destino único. Foi o poder difuso — e por vezes brutalmente eficaz — dos interesses ligados à construção rodoviária, ao automóvel, ao camião, aos pneus, ao combustível, ao modelo disperso e caro de mobilidade que foi sendo empurrado para cima do país como se fosse inevitável.

O resultado está diante de nós com a frieza de uma factura acumulada ao longo de décadas. Em Portugal, no transporte terrestre de mercadorias, a rodovia permanece dominante, com números esmagadores face à ferrovia. O país fala de transição verde, proclama metas climáticas, enche discursos de sustentabilidade, mas mantém uma dependência estrutural de camiões para mover bens dentro do território. É uma contradição quase grotesca: a revolução verde em versão diesel.

E não se diga que não havia alternativa. Havia. Continua a haver. A própria Agência Portuguesa do Ambiente e organismos europeus insistem em mostrar aquilo que já devia ser senso comum: a ferrovia é mais eficiente, menos emissora e mais racional para uma parte substancial do transporte de pessoas e mercadorias. O comboio não é um

# Blogue Fragmentos do Caos



*A verdade nasce onde o pensamento é livre.*

Nenhuma parte do país pagou tanto este abandono como o interior. Enquanto a estrada se multiplicava e o litoral absorvia poder, investimento e massa crítica, muitas regiões interiores foram perdendo ligações, densidade, centralidade e esperança. Não apenas por causa da ferrovia, evidentemente — mas também por causa dela. Quando se corta ou degrada uma rede ferroviária, não se mexe apenas em carris: mexe-se em oportunidades, em acessibilidade, em tempo de vida, em atracção económica, em permanência populacional.

Um país não morre de uma só vez. Vai morrendo por troços. Por encerramentos. Por desinvestimentos. Por promessas adiadas. Por estações convertidas em memória. Por linhas que deixam de ser consideradas prioridade. Por políticas públicas que tratam a coesão territorial como ornamentação de discurso, e não como arquitectura de Estado.

O interior português foi sendo empurrado para a margem de um modelo nacional cada vez mais centrado no litoral, na estrada e na deslocação individual motorizada. Depois admiram-se do despovoamento, do envelhecimento, da desertificação económica, da fragilidade social. Como se um

# Blogue Fragmentos do Caos



*A verdade nasce onde o pensamento é livre.*

Há um facto particularmente revelador e quase humilhante: só em Março de 2025 foi aprovado formalmente o Plano Ferroviário Nacional. Em 2025. Depois de décadas de atraso, de debates, de anúncios, de intenções, de planos por cumprir, de modernizações a conta-gotas. Isto, por si só, diz quase tudo. Um país que leva tanto tempo a decidir o que outros tratam há muito como óbvio estratégico não está apenas atrasado. Está capturado por uma cultura de procrastinação pública.

Entretanto, outros países europeus foram modernizando redes, reforçando interoperabilidade, melhorando corredores de mercadorias, apostando em electrificação, alta velocidade, integração modal e racionalidade logística. Portugal foi chegando tarde, remendando, anunciando, voltando a anunciar, como quem vive sempre a ensaiar o futuro mas nunca entra verdadeiramente em cena.

E quando alguma obra avança, logo surge o coro habitual da resignação glorificada: “mais vale tarde do que nunca”. Não. Há atrasos que custam décadas de desenvolvimento, milhões em ineficiência, toneladas de emissões, isolamento territorial e mediocridade acumulada. Há atrasos que não são simples demoras: são uma forma de falência política.

# Blogue Fragmentos do Caos



*A verdade nasce onde o pensamento é livre.*

portuguesa, em demasiados momentos, preferiu aquilo que dava mais visibilidade imediata, mais inauguração fácil, mais fotografia, mais clientela, mais rotação económica de curto prazo. A estrada servia melhor esse teatro. Espalhava-se mais depressa, inaugurava-se com mais impacto visual, era vendida como símbolo acessível de modernidade individual. O carro tornou-se mito; o comboio, resíduo.

Só que o mito saiu caríssimo. Custou dependência energética. Custou desequilíbrio territorial. Custou emissões. Custou congestionamento. Custou competitividade logística. Custou mais dinheiro às famílias, mais dinheiro às empresas e mais dinheiro ao país. E agora, depois de décadas a desprezar a ferrovia, Portugal tenta regressar ao óbvio com o ar de quem descobriu uma novidade revolucionária.

Não descobriu. Apenas acordou tarde.

É preciso dizê-lo sem medo da nostalgia mal entendida: os caminhos de ferro não são um romantismo de arquivo. São uma das tecnologias mais civilizacionais que a modernidade produziu. Onde funcionam bem, organizam território, reduzem custos, encurtam tempos, limpam emissões, ligam economias, servem pessoas. Onde são abandonados, a factura acaba por chegar sob a forma de isolamento, ineficiência e atraso.

# Blogue Fragmentos do Caos



*A verdade nasce onde o pensamento é livre.*

uma nação pequena, periférica e assimétrica precisa ainda mais de boas ligações internas, de corredores logísticos robustos, de uma rede digna de um país que queira existir para lá da retórica.

O que falhou não foi apenas o investimento. Falhou a imaginação estratégica. Falhou a coragem política. Falhou a capacidade de pensar o país como território articulado e não como soma de interesses dispersos e capturados. Falhou a democracia no seu dever elementar de não reduzir o futuro à conveniência do lobby mais ruidoso.

## **Publicações e fontes consultadas**

**Governo da República Portuguesa** — “Governo define prioridades estratégicas para a ferrovia e aprova Plano Ferroviário Nacional” (Março de 2025).

**Agência Portuguesa do Ambiente** — indicadores sobre transporte de mercadorias e repartição modal em Portugal.

**INE – Instituto Nacional de Estatística** — dados recentes sobre transporte ferroviário e rodoviário de mercadorias em Portugal.

# Blogue Fragmentos do Caos



*A verdade nasce onde o pensamento é livre.*

relatórios sobre emissões do sector dos transportes e oportunidade climática do transporte ferroviário.

**International Energy Agency (IEA)** — “The Future of Rail”.

**Jornal de Negócios** — cobertura dos atrasos na interoperabilidade ferroviária e do atraso estrutural português no sector.

---

## **Frase final:**

Portugal não perdeu o comboio do futuro por azar — foi deixado na estação por uma democracia que preferiu o ruído dos pneus ao silêncio inteligente dos carris.

---

**Francisco Gonçalves**

Co-autoria editorial com **Augustus Veritas**

# Blogue Fragmentos do Caos



*A verdade nasce onde o pensamento é livre.*

Não mostra apenas uma linha abandonada. Mostra uma escolha de país. De um lado, os carris enferrujados, a estação morta, o abandono, o silêncio de uma infra-estrutura que outrora ligava território, economia e destino colectivo. Do outro, a auto-estrada triunfante, o fluxo incessante, o império do alcatrão imposto como única modernidade possível. É um retrato brutal de prioridades erradas. O mais trágico é que isto não foi fatalidade histórica, nem acidente inevitável. Foi desleixo, incompetência e visão curta acumulados durante cinco décadas. Uma regressão civilizacional feita não com explosões, mas com adiamentos, omissões, remendos e propaganda. O país foi deixando morrer o que exigia pensamento longo, planeamento sério e coesão nacional, para exaltar o que dava inauguração rápida, negócios imediatos e aparência de progresso. A imagem, por isso, não mostra apenas ruínas ferroviárias. **Mostra a ruína de uma certa ideia de Portugal.**

- Francisco Gonçalves [2026]

## Nota Editorial

**Em Fragmentos do Caos, não criticamos por criticar:** expomos as falhas de uma sociedade e de uma civilização para iluminar a escuridão, romper o

# Blogue Fragmentos do Caos



*A verdade nasce onde o pensamento é livre.*



GitHub Pages



IPFS (IPNS)



Fragmentos do Caos:

[Blogue](#)



[Ebooks](#)



[Carrossel](#)



Esta página foi visitada ... vezes.

[Contactos](#)